

DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n1.1194>

## Filosofia, cultura e crise: uma leitura crítica – Entrevista com o Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

### Philosophy, culture and crisis: a critical reading - Interview with Prof. Dr. Ricardo Timm de Souza

Ricardo Timm de Souza(1), Evandro Pontel(2)

1 Doutor em Filosofia - Albert-Ludwigs-Universitaet, Freiburg – (Alemanha).

Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, Porto Alegre, RS, Brasil) na Escola de Humanidades, professor no PPG Filosofia e no PPG Letras da mesma instituição.

E-mail: [r.timmsouza@gmail.com](mailto:r.timmsouza@gmail.com) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-9422-0420>

2 Doutor e pós-doutorando em Filosofia – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em. Porto Alegre, RS, Brasil.

E-mail: [epontel@hotmail.com](mailto:epontel@hotmail.com); Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-9659-4231>

### Resumo

A presente entrevista visa abordar, pontualmente, algumas temáticas que permeiam a obra de Ricardo Timm de Souza, enquanto uma leitura crítica do presente. Busca, dessa forma, analisar a cultura em um cenário de crise e que exige uma tomada de posição, diante a opacidade do real e das estruturas que geram morte, o *necropoder* que tudo penetra e em tudo reproduz-se. Diante desse horizonte, coloca-se a tarefa do pensamento, do filosofar. Isto é, pensar mais uma vez, reler o presente em busca de lampejos de luz, mesmo que sejam intermitências que possam iluminar o real, em direção ao esperar, em direção a uma *política da sobrevivência*, apesar das barbáries e catástrofes que assolam o presente.

**Palavras-chave:** Filosofia; Crítica; Cultura, Ética.

---

---

#### Datas:

Recebido: 13/07/2024

Aprovado: 03/10/2024

Publicado: 07/10/2024

---

---

## Abstract

This interview aims to address some of the themes that permeate the work of Ricardo Timm de Souza, as a critical reading of the present. In this way, he seeks to analyze culture in a crisis scenario that demands a stance in the face of the opacity of reality and the structures that generate death, the necropower that penetrates everything and reproduces itself in everything. Faced with this horizon is the task of thinking, of philosophizing. In other words, to think once again, to re-read the present in search of glimmers of light, even if they are intermittent flashes that can illuminate reality, towards hope, towards a politics of survival, despite the barbarities and catastrophes that plague the present.

**Keywords:** Philosophy; Criticism; Culture, Ethics.

Natural de Farroupilha, RS, Ricardo Timm de Souza possui graduação (entre outras) em Instrumentos pela UFRGS 1980-1984 - inconclusa - incluindo formação e disciplinas e workshops nas áreas de Composição e Regência no Brasil e exterior. Graduado em Estudos Sociais (1985), em Filosofia, bacharelado, Licenciatura e mestre em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991). Doutor em Filosofia pela Albert-Ludwigs-Universitaet (Alemanha, 1994, com a tese (Wenn das Unendliche in die Welt des Subjekts und der Geschichte einfällt - ein metaphänomenologischer Versuch über das ethische Unendliche bei Emmanuel Levinas), tendo, posteriormente, realizado pesquisas em Amsterdam (Holanda), Leuven (Bélgica), Freiburg (Alemanha) e Kassel (Alemanha). É Professor Titular da Escola de Humanidades da PUCRS e tradutor de Franz Rosenzweig para o português. É autor de mais de vinte cinco livros e cerca de duzentos capítulos, artigos, traduções e obras organizadas, sendo membro de sociedades científicas nacionais e internacionais e parecerista de órgãos brasileiros e estrangeiros de fomento à pesquisa. Membro-fundador do Centro Brasileiro de Estudos sobre o Pensamento de E. Levinas, da Sociedade Brasileira de Fenomenologia e da Internationale-Rosenzweig-Gesellschaft, entre outras instituições. Suas áreas principais áreas de interesse e de atuação são: ética, literatura, Levinas, Adorno, Rosenzweig, Spinoza, Derrida, Bergson, Bloch, Benjamin, Agamben, Kafka, T. Mann, E. Canetti, alteridade, fenomenologia, estética, filosofia e psicanálise, filosofia e história da cultura ocidental com ênfase no século XX, questões filosóficas da criminologia, interdisciplinaridade, pensamento judaico, filosofia latino-americana, filosofia e música, temas de ética ambiental, temas de ética animal, filosofia da história, biopolítica, necropolítica, necroética, crítica da idolatria, filosofia política e justiça. É docente e pesquisador dos Programas de Pós-graduação em Filosofia e Letras (Escrita Criativa) da PUCRS, tendo recebido várias premiações em suas últimas obras publicadas. Feita esta breve apresentação, acompanhem, pois, ao proposto pelas questões:

1) Em um século demarcado pela era digital e, por um lado, por um conjunto de significativos avanços da ciência em relação ao cuidado com a vida, paradoxalmente, também, por outro, acompanhamos um cenário de inúmeras catástrofes que se acumulam nos mais diversificados panoramas sociais e conjunturas, desde o ressurgimento de guerras, os desastres ambientais que apontam para um efervescer de múltiplas crises que se desenham na sociedade, que vai desde uma generalizada descrença nas instituições, em relação ao político e se alastram até uma espécie de pessimismo em relação aos valores humanos e ao humano propriamente dito, que sinalizam, conforme observado em sua última obra, como *'metáforas do contemporâneo'*. Como o senhor avalia o caminhar da humanidade no Ocidente?

**Ricardo Timm de Souza:** Seria muito difícil conceber, há relativamente pouco tempo – algumas décadas atrás? – que o mundo contemporâneo imediato, ou seja, esse primeiro quartel do século XXI – se encontraria em uma tal situação tanto de *precariedade* como de *incompreensão*. Explico: *precariedade*, em função da desagregação de uma ampla base de esteios que pretenderam sustentar um modelo civilizatório viável, na herança de uma modernidade que, simultaneamente, abrange igualmente muitas das críticas a essa mesma modernidade. Trata-se ao meu ver – como tenho tentado expor em muitos de meus livros – de uma espécie de *sismo civilizatório* que se anunciou crescentemente ao longo do século XX e como que se afunila na última década no compósito explícito entre “dessecamento do vivo” (Mbembe), por exemplo na crise ambiental em aceleração, pandemias/sindemias, e guerras renovadas, inclusive na lógica de extermínio. O que se anunciava ao longo da história de *negação e extermínio do Outro* atinge no presente um píncaro doloroso. E *incompreensão*, na medida em que a imensa hegemonia da tradição cultural-filosófica tem sido secularmente incapaz de tangenciar o que *realmente* estava/está em jogo, acabando, em boa parte, por dissociar suas intenções de sua efetividade.

2) A partir do emergir da pandemia e da adoção de determinadas medidas sanitárias, com o distanciamento social passamos a viver uma espécie de aceleração digital que parece irreversível, tanto no campo da convivência humana, nas mídias, como também, no campo da educação/formação humana. Isso evidencia o emergir de uma nova estrutura nas relações entre os humanos? Como poder-se-ia compreender essa nova ordem mediada pelos dispositivos digitais e quais suas decorrências para as relações humanas e seus reflexos para as gerações futuras?

**Ricardo Timm de Souza:** A nova ordem digital é uma expressão específica de um momento de *desespero*, em imensa parte inconsciente, da racionalidade que apostou na adoração da *unidade*, ou, em outros termos, que descurou a potência pedagógica da *relação* no que concerne ao contato entre o humano e o Outro, aqui entendido, por exemplo, como outro humano, como outros animais não humanos, como ambiente na condição de outro. A tardomodernidade neoliberal é a manifestação de tal incúria, da aposta absoluta na *transformação da qualidade em quantidade* (por exemplo, quando não mais se distingue entre *bots* e humanos) que, ao abrir sua voracidade em relação ao singular, segue no caminho de transformar o mundo num deserto esturricado; e o monopólio digital é, em amplo sentido, um ferramental privilegiado nesse processo de transformação degradante.

3) Conforme exposto na obra *Crítica da Razão idolátrica*, presenciamos a conformação de um modelo social delineado por processos de idolatrização das coisas, da vida, em nome de determinada ideia de bem-estar, de consumo, de uma vida bem sucedida o que, por conseguinte, acabou por condenar as pessoas a viverem em um permanente *estado de medo e de insegurança*, em uma dinâmica que reproduz um espiral crescente de *esgotamento do planeta*, enquanto reflexo de um modelo prototípico de racionalidade que delineia esse paradigma biopolítico de governo da vida e, por conseguinte, rege esse estado de coisas em vigência. A partir disso, o professor compreende

que vivemos uma época de esgotamento de um paradigma de antropológico centrado no eu pensante, que dominou os processos sociais de estruturação da vida? Neste sentido, como é que o professor entende esta mutação na ordem do ser e qual poderá ser ou será o futuro da terra numa perspectiva antropológica e ético-política? Em que consistiria/implicaria pensar o futuro para os habitantes de Gaia?

**Ricardo Timm de Souza:** Toda crítica filosófica inicia hoje, ao meu ver, por uma *crítica da racionalidade idolátrica*. Isso significa inicialmente o despojar-se de preconceitos relativamente à palavra “idolatria”, para que se compreenda que o atual modelo socioeconômico global é, em última análise, uma lógica específica de adoração da Totalidade na forma, por exemplo, da acumulação desmedida de dinheiro e de objetos, incluindo aí a vida objetificada, que transforma inclusive os humanos em objetos de si mesmos para si mesmos. O procedimento que elejo para iniciar uma crítica abrangente ao statu quo, ou seja, para “postular o negativo”, como diria Adorno, consiste em opor à combinação “razão ardilosa/razão vulgar”, tal como tenho exposto no texto “O nervo exposto” (por exemplo, no livro *O nervo exposto – e outros textos de filosofia, crise e crítica*), o modelo levinasiano-derridiano de racionalidade ético-hospitaleira.

4) Tive o prazer e o privilégio de ler, antes mesmo da publicação, o seu livro *Filosofia da Escravidão*, um tema candente, em um continente demarcado por experiências escravocratas e colonizadoras, sobretudo em um país em que ocorreu uma das maiores experiências escravocratas em termos planetários. Nessa obra o professor explicita que “uma *filosofia da escravidão* consiste em rastrear e expor o que se articula como especificidade de uma determinada *forma de concepção de mundo* que permitirá, por sua vez, o acesso às raízes profundas de um *modus operandi* que constitui, como pretendemos mostrar, a medula do desenvolvimento de uma determinada concepção de realidade”<sup>1</sup>. Diante disso, de uma realidade demarcada por uma *metafísica da destruição* como proposto em sua obra, qual seria o papel da Filosofia, das ciências humanas? E, ainda, como o professor chegou ao tema escravidão? Haveria, então, um nexos dessa temática com as obras precedentes?

**Ricardo Timm de Souza:** Abordo o tema da escravidão nesse livro não (apenas) em termos histórico-sociais, mas, essencialmente, como temática filosófica, ou seja, como uma chave compreensiva não somente do passado doloroso, herança pesadíssima viva entre nós, mas do *presente adoecido*, no que chamo de “escravidão como sintoma” e “escravidão como metáfora”. Há que se destacar que, se é verdade que a lógica da escravidão se expressa intelectualmente como uma metafísica da destruição (do vivo, por exemplo, na transformação concreta de tudo e todos em objetos de compra e venda), a atual lógica neoliberal tardomoderna pretende “naturalizar” tal transformação concreta (o que chamo de “necroética”); estamos às voltas com o *Todestrieb* em expressão edulcorada e sedutora, revestida da “magia” em sentido flusseriano, e pretendendo se estatuir em realidade, em um processo no qual as imagens (ou seja, os ídolos) substituem o “princípio de realidade”, em todos os sentidos desse termo.

5) Por fim, há ainda como se pensar em *utopias concretas*, a possibilidade de um *esperançar* – de *lampejos/intermitências de luz* – naquela senda do proposto por Didi-Huberman, em vista de se sair da *grande noite* [Mbembe] em que vivemos em pleno século XXI?

**Ricardo Timm de Souza:** O único caminho que percebo é pela via da coragem absoluta de expor-se à Alteridade para além de minhas representações, projeções e lógicas de convencimento, naquilo que costumo chamar de *traumatismo infinito*, na combinação com as sábias palavras de Hölderlin: “onde habita o perigo, cresce também o que salva”.

---

1 Ver: SOUZA, Ricardo Timm de. *Filosofia da Escravidão*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2024.

---

Professor Ricardo Timm de Souza, é uma grande honra e privilégio poder contar com a sua contribuição fundamental e inestimável para a nossa revista que, sem dúvida, a engrandece muito e permite o acesso a uma leitura crítica e profícua dos tempos atuais. Assim, em nome da equipe editorial, na pessoa do Prof. Agemir Bavaresco, gostaríamos de registrar o nosso agradecimento pelo aceite do nosso convite, pela generosa atenção e disponibilidade, por ter dedicado o seu precioso tempo, especialmente no início desse período letivo do corrente ano, em meio ao contexto de tantos desafios e inquietações em que vivemos.

Muito obrigado, mais uma vez!

Porto Alegre, RS, primeiro semestre de 2024.

## Referências

SOUZA, R. T., *O Brasil filosófico*, São Paulo: Perspectiva, 2003.

SOUZA, R. T., “Ecos das vozes que emudeceram’: memória ética como memória primeira”, in: RUIZ, C. B. (Org.). *Justiça e memória – para uma crítica ética da violência*, São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2009.

SOUZA, R. T., *Levinas e a ancestralidade do Mal – por uma crítica à violência biopolítica*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

SOUZA, R. T., *Ética como fundamento II – pequeno tratado de ética radical*, Caxias do Sul: Educ, 2016.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SOUZA, R. T. *Crítica da razão idolátrica – tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*, Porto Alegre: Zouk, 2020.

SOUZA, R. T., *Justiça em seus termos – dignidade humana, dignidade do mundo*, 2. ed. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2021.

SOUZA, R. T., *O pensamento e o outro, o Outro do pensamento – a questão da Alteridade em configurações contemporâneas*, Porto Alegre: Zouk, 2022.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Filosofia da Escravidão*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2024.